

Museu de Mértola

CATÁLOGO GERAL



Museu de Mértola

CATÁLOGO GERAL



COORDENAÇÃO

Susana Gómez Martínez

AUTORES

Ângela Luzia

António Faria · DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Artur Goulart de Melo Borges · COLABORADOR DO CAM

Cláudio Torres · CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Isabel Magalhães · COLABORADORA DO CAM

Joaquim Caetano · MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Joaquim Manuel Ferreira Boiça

Lígia Rafael · CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA / MUSEU DE MÉRTOLA

Manuela Dias · COLABORADORA DO CAM

Maria de Fátima Palma · BOLSEIRA DA FCT – CEAUCP / CAM

Maria de Fátima Rombouts de Barros

Miguel Rego

Santiago Macias · INVESTIGADOR DO PROGRAMA CIÊNCIA 2008 DA FCT /
UNIVERSIDADE DE COIMBRA – CEAUCP / CAM

Susana Gómez Martínez · INVESTIGADORA DO PROGRAMA
CIÊNCIA 2008 DA FCT / UNIVERSIDADE DE COIMBRA – CEAUCP/CAM

Virgílio Lopes · BOLSEIRO DE DOUTORAMENTO DA FCT – CEAUCP / CAM

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

DESENHOS

CAM · Arquivo do Campo Arqueológico de Mértola

CB · Carlos Boiça

NR · Nélia Romba

JMP/PT · José M. Pedreirinho e Pedro Travanca

FOTOGRAFIA

AC · António Cunha

AB · António Martins Batista

AF · Alberto Frias

AP · Alvaro Pina

CAM · Arquivo do Campo Arqueológico de Mértola

CT · Cláudio Torres

JB · Jorge Branco (CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA)

JMFB · Joaquim Manuel Ferreira Boiça

LR · Lígia Rafael

MFP · Maria de Fátima Palma

RF · Rute Fortuna

RG · Ricardo Grilo

SM · Santiago Macias

SGM · Susana Gómez Martínez

VL · Virgílio Lopes

COLABORAÇÃO

Bruno Almeida · Manuela Barros · Paula Rosa

ASSESSORIA TÉCNICA

Sandra Rosa · Adriano Fernandes

TRADUÇÃO

CristBet, Traduções e Legendagens, Lda.

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

TIRAGEM: 1000 exemplares

ISBN: 978-972-9375-43-9

DEPÓSITO LEGAL: 378253/14

EDIÇÃO**PARCERIA**

Centro de
Estudos
Arqueológicos
das Universidades de
Coimbra e Porto

INVESTIGAÇÃO

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
AGÊNCIA DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

CO-FINANCIAMENTO

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2014

Índice

Introdução	7
Museus e turismo	11
1 Casa Romana	23
2 Basílica Paleocristã	43
3 Alcáçova de Mértola	65
4 Castelo de Mértola	85
5 Arte Islâmica	101
6 Mesquita. Igreja Matriz	131
7 Porta da Ribeira – Arte Sacra	149
8 Arrabalde Ribeirinho	175
9 Ermida e Necrópole de São Sebastião	195
10 Oficina de Tecelagem	209
11 Forja do Ferreiro	223
12 Casa de Mértola	229
13 Oficina de Joalharia	231
14 Mosteiro do Monte Mosteiro	235
15 Casa do Mineiro	253
16 Alcaria dos Javazes	257
17 Moinho de São Miguel do Pinheiro	263
18 Moinho de Alferes	265
Bibliografia	266



Mapa de localização dos núcleos museológicos do Museu na vila de Mértola (desenho NR).



- 1** Casa Romana
- 2** Basílica Paleocristã
- 3** Alcáçova de Mértola
- 4** Castelo de Mértola
- 5** Arte Islâmica
- 6** Mesquita – Igreja Matriz
- 7** Porta da Ribeira – Arte Sacra
- 8** Arrabalde Ribeirinho
- 9** Ermida e Necrópole de São Sebastião
- 10** Oficina de Tecelagem
- 11** Forja do Ferreiro
- 12** Casa de Mértola
- 13** Oficina de Joalharia

-  Vias Romanas
-  Muralha da Idade do Ferro
-  Muralha da Vila

SERPA / MINA DE
SÃO DOMINGOS



Basílica Romana do Rossio do Carmo (foto SGM).

Basílica Paleocristã

SANTIAGO MACIAS

A BASÍLICA DO ROSSIO DO CARMO E O MUSEU PALEOCRISTÃO

Um viajante que chegasse a Mértola vindo de norte, pela estrada de Beja, franqueava a estreita passagem que existia no Cerro de Benfica e virava à direita, descendo até à plataforma que hoje conhecemos como Rossio do Carmo. Deparava aí com a grande necrópole da cidade. Um campo mortuário que começou a ganhar forma na Idade do Ferro e aí se manteve até ao século XIII. Durante quase dois mil anos, gerações sucessivas de mertolenses aí ganharam o repouso eterno. Aí se situava a «cidade dos mortos», separada, sob todos os pontos de vista, do mundo dos vivos.

A memória mais antiga deste sítio está gravada na pedra. Uma lápide funerária da Idade do Ferro, com uma datação a rondar o século III a.C. e reutilizada como pedra de cobertura de uma sepultura paleocristã, aponta para a existência de uma necrópole dessa época. Isso integra a cidade de *Myrtilis* no contexto da civilização do Sudoeste que, desde o Bronze Final, produziu ao longo da Serra do Algarve e do Baixo Alentejo dezenas de epígrafes escritas com caracteres greco-fenícios, numa língua autóctone ainda por decifrar.

No período romano, esta zona funerária manteve-se em pleno uso. Embora os trabalhos arqueológicos realizados em Mértola nunca tenham abrangido a encosta para norte do Rossio do Carmo (nas traseiras da actual escola primária) a descrição que Estácio da Veiga fez da sua ocupação parece-nos fiável. Segundo relatou na «Memória das Antiguidades de Mértola», *«descoberto e amplamente comprovado o elemento wisigothico no Rocio do Carmo, outros bons indícios, que parecem ser de maior antiguidade, pude observar a partir d' este campo para as primeiras ondulações da região montanhosa, e foram numerosas sepulturas de varias dimensões, mas todas estreitas, mui imperfeitamente excavadas*

nas rochas de schisto que compõem o relevo orographico d' aquella tracto geologico» (Veiga, 1880: 21). Afirma ainda que, naquele denominado «pequeno anfiteatro» ou «cemitério serrano», «*é precisamente nos cabeços mais planos e nas chapadas mais espaçosas que se observam numerosos jazigos, ora formando grupos, ora isolados, com diversas dimensões, excavados na rocha, geralmente estreitos, pouco fundos, de há muito invadidos e pela maior parte completamente despejados (...)»* (Veiga, 1880: 63).

A planta por ele desenhada, e onde se inclui um primeiro esquiço das estruturas da basílica, acabaria por ser o ponto de partida para os trabalhos realizados pelo Campo Arqueológico de Mértola e permitiu ainda chegar a outras conclusões. Na mesma Memória das Antiguidades de Mértola faz Estácio da Veiga relato pormenorizado das várias descobertas arqueológicas realizadas em todo esse espaço.

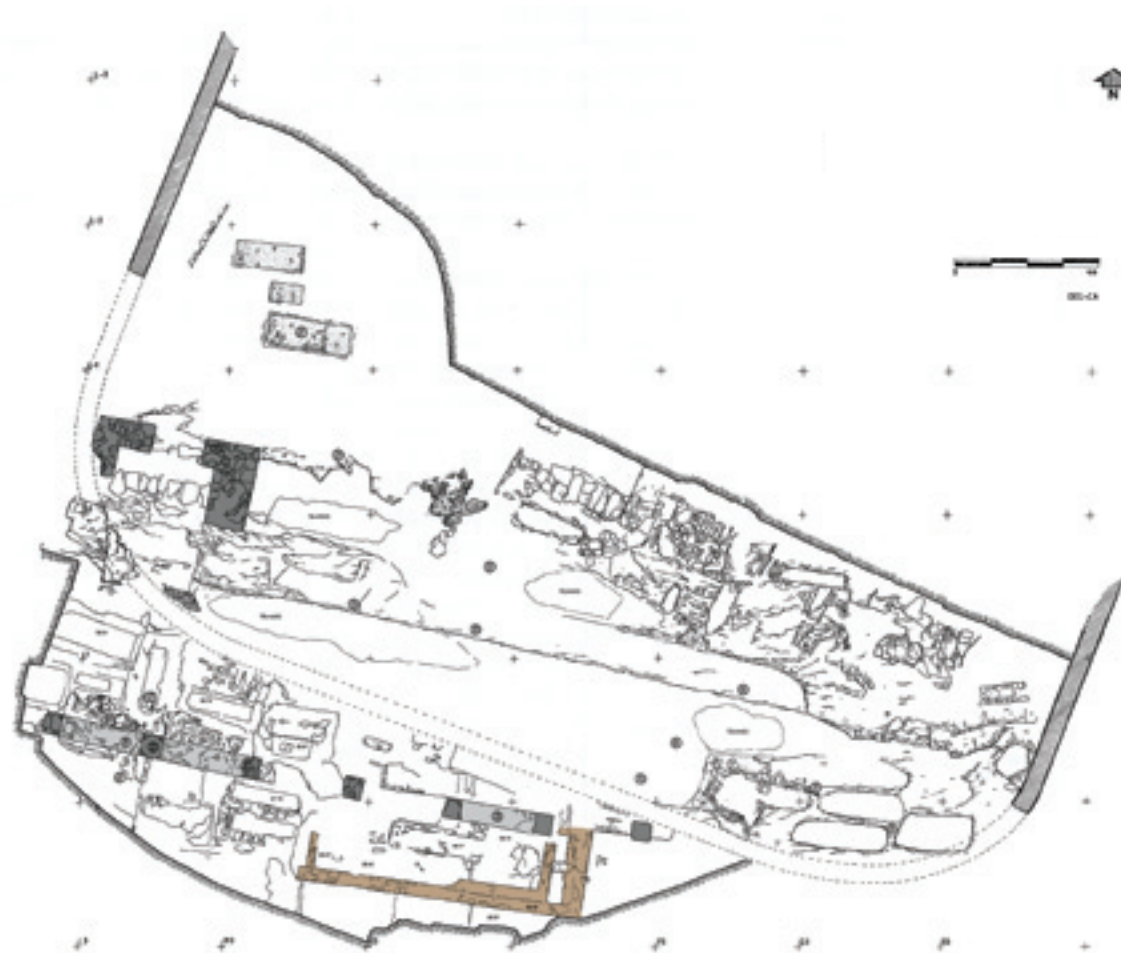
Através dessa planta, publicada apenas em 1965, foi possível constatar o que parece ter sido um sistema funerário de incineração – Veiga assinala uma estrutura como «Cas de incineração» (Ferreira, 1965), podendo a abreviatura ser lida como «câmaras», o que nos poderá remeter para a eventual presença de um *ustinarium* e de práticas funerárias que seriam mais tarde substituídas pela inumação. As informações sobre os enterramentos mais antigos do Rossio do Carmo resumem-se à localização de uma sepultura de finais do século I ou inícios do século II (à qual estava associada uma lucerna hoje exposta no do Museu de Mértola), posta a descoberto pela abertura do moderno caminho do hospital (Ferreira, 1965). Nada mais se sabe desta antiga ocupação visto que a escavação realizada no Rossio do Carmo não forneceu qualquer elemento adicional sobre épocas anteriores ao século V d.C.

A presença em Mértola de um antigo cemitério cristão foi pela primeira vez alvitada pelo arqueólogo Estácio da Veiga, em 1880. Veiga, que ali se deslocara a fim de inventariar e recolher uma imensa quantidade de vestígios arqueológicos deixados a descoberto pela cheia do Guadiana de Dezembro de 1876, pôde nessa altura realizar uma sumária campanha de prospecções no arrabalde da vila.

A quantidade e qualidade das lápides cristãs registadas por Estácio da Veiga, na sua obra Memória das Antiguidades de Mértola, e a presença de alguns vestígios arquitectónicos, trazidos à luz do dia durante uma breve campanha de escavações num local conhecido como Rocio do Carmo, não deixaram dúvidas àquele investigador: «*não parece, pois, duvidoso ter o templo existido alli, a pouca distancia da igreja do Carmo, e que dentro e em torno d'elle se faziam os enterramentos»*. Estácio da Veiga registou ainda a existência

de algumas lápides funerárias escritas em árabe, embora não tenha avançado com nenhuma proposta de localização da *maqbara* de Mértola.

Depois dos trabalhos de Estácio da Veiga, que devem ter atingido uma dimensão considerável – é o que se infere da planta por ele levantada e do elevado número de sepulturas que registou – Leite de Vasconcelos efectuou escavações arqueológicas no mesmo local. Em 1895, Leite de Vasconcelos deslocou-se a Mértola, tendo procedido a sondagens no antigo cemitério cristão do Rossio do Carmo, junto da igreja do mesmo nome. Onze sepulturas, foram então postas a descoberto, permitindo-nos a sua tipologia e orientação incluí-las na necrópole cristã da Alta Idade Média: «*umas são, em planta, trapezoidais, outras rectangulares. Todas se acham orientadas*



Planta da Basílica Romana do Rossio do Carmo (desenho CAM).

no mesmo sentido e oferecem a maior dimensão na direcção E.-O., tendo as trapezoidais o menor lado voltado para o nascente» (Vasconcelos, 1899-1900: 242 e Vasconcelos, 1927: 230).

Frequentemente, os trabalhos realizados no Rossio do Carmo pouco tiveram a ver com a arqueologia. No jornal «O Bejense» de 2 de Maio de 1896 dava-se conta do seguinte: *«No Rocio do Carmo, onde se está procedendo a excavações para extrahir saibro, encontrou-se, à profundidade de 1,5 m, um cemitério [trata-se da mesma medida que Leite de Vasconcelos indicou para o nível atingido pela sua intervenção (Vasconcelos, 1899-1900: 243 e Vasconcelos, 1927: 231)]. As sepulturas são construídas de maneira diferente de quantas temos visto por estes sítios e que não são poucas, louvado Deus. Na rocha, que é branda, abriram valas de 3 m de altura, 0,48 m de largura e de 1,70 m de comprimento e nellas depositaram os cadaveres uns sobre os outros, mas separados por grossos tijollos, com as pontas quebradas, tendo cada um de comprimento, 0,50 m. De uma outra divisória de tijollo ha de altura 0,44 m e as cabeceiras das sepulturas ficam a oriente. Os tijollos entravam em caixas abertas na rocha. Nas sepulturas apenas se encontrou um vaso de barro vermelho, semelhante às nossas tijellas de fogo, inclinado sobre o rosto do cadáver» («O Bejense», 2/5/1896).*

O perfil plano que o largo apresentava no início das escavações em 1978 foi, portanto, resultado das obras do final do século XIX. Só a escavação sistemática realizada entre 1980 e 1992 permitiu reconstituir a planta da basílica e lançar pistas sobre a sua volumetria. As características arquitectónicas do espaço religioso – em particular as suas ábsides contrapostas – têm paralelos com construções norte-africanas da mesma época, onde foram beber a inspiração.

O comprimento total da basílica – com as ábsides incluídas – rondaria os 30 m no exterior, devendo o interior da igreja medir



Reconstituição da Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo (desenhos JMP/PT).

cerca de 28,40 m. As naves laterais teriam, na sua extensão máxima 23,80 m. A largura total do interior da basílica era de, aproximadamente, 16,00 m, ou seja, 6,00 m para a nave central, 4,40 m para cada uma das laterais e 0,60 m para os dois muretes que delimitavam a nave central. Sendo a espessura de cada uma das estruturas exteriores da basílica de 0,80 m, a largura exterior do templo aproximar-se-ia dos 17,60 m. As medidas apuradas na escavação apresentam uma ligeira discrepância com o mapa de Estácio de Veiga, o qual aponta para uma largura da nave central da ordem dos 6,60 m.

As dependências junto à ábside tanto podiam estar incluídas na globalidade do edifício e ter perfil quadrangular (Duval, 1973a: Sbeitla I (164-165); Haïdra II (203); Henchir Goraat ez-Zid (271) – Mateos Cruz, 1999: 72 (Mérida)) como destacar-se volumetricamente e ter um perfil semi-circular (Duval, 1973a: Rusguniae (24); Mateos Cruz, 1999: 157), remetendo para as origens orientais desta tipologia.). Se o desenho efectuado por este retrata com rigor a situação real, a ábside oeste destacar-se-ia volumetricamente do corpo do edifício. Quanto ao limite oriental, a situação parece-nos mais complexa, sendo impossível dar uma resposta precisa no que se refere ao desenho do edifício. A extensa destruição que o limite leste da basílica sofreu deixa-nos sem elementos concretos em relação à presença de anexos junto à ábside principal do edifício.

Cálculos estabelecidos a partir da altura das colunas e das possíveis dimensões do segundo andar da nave central levam-nos a apontar como muito plausível uma altura de aproximadamente 5,60 m para a nave central, de 5,30 m para as ábsides e de 4,20 m para as naves laterais. A ábside oeste foi referenciada através da identificação de dois pequenos troços do embasamento do muro. A localização dos limites sul e este da nave sul (escavados durante uma das últimas campanhas de trabalho) permitiu-nos, por seu turno, estabelecer uma proposta para o comprimento da basílica. No lado sul definiu-se um anexo (eventualmente um pórtico), cuja largura foi verificada através da descoberta *in situ* de uma base de coluna.

O Rossio do Carmo permanece, ao longo da Alta Idade Média, como espaço privilegiado de inumação. O local mais importante, do ponto de vista social, é a própria basílica. Constata-se a continuação da tradição de inumar os corpos no interior das igrejas, embora tal prática tivesse sido expressamente proibida pelo cânone XVIII do concílio de Braga de 561 (Vives, 1963: 75). É de supor que os eclesiásticos tivessem nesse contexto particulares privilégios, conforme o parece demonstrar o exemplo, atrás citado, do presbítero

Possidonius. Os pavimentos deste templo estão completamente preenchidos por enterramentos e mostram bem a função funerária desempenhada pelo edifício ao longo de toda a Alta Idade Média.

A persistência de inumações no interior da basílica ao longo dos séculos V, VI e VII pode, de alguma forma, fazer supor uma intensa procura de um espaço privilegiado, e longe dos efeitos maléficos, para a inumação dos corpos. As proibições conciliares de realizar enterramentos no interior das igrejas não terão tido grandes efeitos práticos: não só o caso da própria basílica demonstra abundantemente o contrário, como há testemunhos directos da situação – no século VII Julião de Toledo fala da persistência deste costume, ao afirmar o desejo dos fiéis em fazer-se sepultar *apud memorias martyrum* (Puertas Tricas, 1975: 153). Refira-se ainda que a celebração de missas pelos defuntos só era permitida dentro das basílicas ou junto às relíquias dos mártires e não fora daí (cânone LXVIII do concílio de Braga – 572) (Vives, 1963: 102).



Sepulturas paleocristãs (foto VL).

As inumações encontradas *in situ* no interior da basílica de Mértola – Pierius (545 da era de César/507 d.C.), Possidonius (550/512 d.C.), Aianes (524/561 d.C.), Leopardus (564/525 d.C.), Festellus (565/527 d.C.), Cyprianus (570/537 d.C.), Vincentius (594/556 d.C.) e Antonia (609/571 d.C.) – datam, maioritariamente, da primeira metade do século VI. Tal poderá sugerir que ao longo desse lapso de tempo ainda havia espaço disponível no interior da igreja, possibilitando nesse local as inumações daqueles que estavam em condições de pagar um troço de chão sagrado.

Constata-se, ainda, que das 38 lápides datadas de Mértola referenciadas por Maria Manuela Alves Dias¹, 30 (cerca de 78,95%) pertencem ao século VI e que 23 (60,53%) foram gravadas na primeira metade dessa centúria. Parece, assim, possível que a ocupação do solo da basílica ao longo de 100 anos tenha deixado pouco espaço disponível para a colocação de novas lápides nos anos subsequentes: registam-se apenas duas inscrições datadas do século VII e uma do século VIII. Para essa acentuada diminuição pode ter contribuído tanto a crescente ocupação do sítio como, eventualmente, as pestes e fomes que assolaram a Península no século VII².

É também interessante notar o número razoavelmente elevado de eclesiásticos (treze) enterrados no perímetro da basílica de Mértola. As lápides referenciadas registam sete presbíteros e ainda a presença de um *ostiarius* (porteiro), de um *princeps cantorum* (primeiro cantor), de um leitor, de um possível sub-diácono e de uma religiosa.

A basílica teve funções de necrópole cristã pelo menos até 706 d.C. O início da islamização marcou o seu abandono como igreja e a ocupação de toda a área do Rossio do Carmo pelo cemitério islâmico. A tradição de proceder às inumações fora do espaço urbano, junto às estradas, seria continuada pela topografia das necrópoles deste período.

O limite norte do almocavar situava-se um pouco para norte dos antigos muros da basílica³. Uma rápida prospeção realizada na encosta do Cerro da Forca, junto ao local onde esteve a Ermida da Senhora do Carmo, não forneceu vestígios de quaisquer enterramentos do período islâmico, o que permite, assim, delimitar de forma aproximada esta necrópole. Os enterramentos prolongavam-se para sul, ao longo da estrada, até bem perto das muralhas da cidade.

O almocavar de Mértola entre os séculos VIII e XIII ter-se-á, portanto, situado entre os muros da cidade e a área da, entretanto abandonada, basílica cristã. Este campo mortuário ocuparia, portanto, a encosta que conduzia para a saída de Mértola e a plataforma rochosa do Rossio do Carmo. Não sabemos se houve um abandono prolongado do Rossio do Carmo entre os períodos paleocristão

¹ De entre um total de 56 inscrições identificadas, 38 (67,86%) apresentam data – informação pessoal da investigadora

² Garcia Moreno lista as seguintes datas em relação com crises agrícolas graves, com reflexos demográficos: 540-545, 577-590, 630-641 e 694-709 Garcia Moreno, 1989: 222

³ Na zona que a escavação viria a definir como as quadrículas N.0 e O.0.



Sepulturas islâmicas (foto CAM).

e islâmico. Embora seja identificável, do ponto de vista arqueológico, um estrato de destruição perfeitamente nítido (com abundantes vestígios do telhado sobre o pavimento) não é seguro que, logo no início do período islâmico, o local tenha servido como zona funerária. Algumas das sepulturas islâmicas assentavam sobre o derruído telhado da basílica, edifício que tinha entretanto sido abandonado. Por vezes, as sepulturas islâmicas cortavam mesmo outras mais antigas (Sepultura 103 – Quadrícula P1), seccionando a cova paleocristã ao meio e aproveitando a sua argamassa em parte das paredes laterais. Esta situação repetiu-se noutros casos, em que os esqueletos mais antigos estavam cortados pelo tórax (Sepultura 130 – Quadrícula L1), ou ainda seccionados pela zona dos ilíacos (Sepultura 125 – Quadrícula L1). Em muitas delas a escavação não pôde mais que constatar o elevado grau de destruição quer das sepulturas quer dos próprios esqueletos.

De um espaço coberto – conjunto da basílica e do pórtico – que deve, na origem, ter ultrapassado os 500 m², pudemos proceder à análise arqueológica de aproximadamente 215 m² (um pouco menos de 40% do total de todo o edifício). O projecto de musealização do Rossio do Carmo viria, finalmente, a abranger cerca de 100 m² de estruturas e pavimentos do antigo espaço litúrgico os quais, apesar de constituírem apenas uma pequena parcela do antigo local de culto, ilustram de forma expressiva a arquitectura deste monumento religioso.

Foi esse o ponto de partida para o projeto de reabilitação concebido pelo arq. Luís Bruno Soares e que foi inaugurado

em 13 de novembro de 1993. A arquitetura contribuiu, aqui, para resgatar a história do sítio e para recordar mais de 100 anos de intermitentes trabalhos arqueológicos. O pavilhão que alberga os restos da basílica – parte das naves central e norte, bem como o coro da igreja – guarda também a impressionante coleção de epigrafia oriunda do cemitério cristão do Rossio do Carmo, assim como alguns objetos de menor dimensão.



Interior da Basílica (foto RG).

A sala de entrada tem painéis com fotografias, desenhos e textos que enquadram os achados arqueológicos na história de Mértola e explicam o que vamos ver. O interior do museu remete-nos para o passado. O rosa palácio da primeira sala dá lugar ao vermelho escuro das paredes e a placas de mármore nas fenestranças que sugerem ambientes de outrora. Circulamos em volta das estruturas da basílica ao mesmo tempo que podemos ler as inscrições funerárias. O Museu Paleocristão é, desde há 20 anos, um espaço de leitura e interpretação de um monumento arquitetónico. Sem ele, não entenderíamos esta basílica nem a ocupação do espaço à sua volta, antes e depois dela existir.



Vista geral da Alcáçova de Mértola (foto VL).

Alcáçova de Mértola

ANTIGUIDADE TARDIA E PERÍODO ISLÂMICO

SANTIAGO MACIAS

O casco antigo de Mértola é ainda hoje dominado pela massa imponente do castelo, cuja presença confirma uma ocupação do espaço de forte carga simbólica. O cerro onde este se implanta domina tanto a cidade como as elevações em volta. A fortificação cristã, cuja construção se iniciou em finais do século XIII, marca o espaço do poder feudal e sobrepõe-se à provável ocupação romana e às estruturas de época islâmica. Para norte, e ao longo da encosta que desce em direcção ao antigo limite da cidade, acumulam-se ruínas desde há muito conhecidas, restos de edifícios e de estruturas que as escavações arqueológicas têm trazido à luz do dia. O vasto terreiro aplanado, junto à muralha setentrional, escondeu durante muitos séculos, sabemos-lo hoje, parte importante da história medieval de Mértola.

A presença de uma quantidade excepcional de informação referente a épocas tão díspares como o período bizantino ou a ocupação almóada é um facto invulgar na arqueologia medieval portuguesa. Para mais, quando tais elementos se sobrepõem num só espaço, como é o caso da zona palatina de Mértola. Dois motivos contribuíram para essa situação.

Em primeiro lugar, a instalação no extremo norte da área intra-muros do cemitério cristão da cidade, usado a partir de finais do século XIII e que conheceu prolongada ocupação. A presença da necrópole inviabilizou a construção de edificações e preservou, em grande medida, os vários níveis de ocupação anterior à reconquista de Mértola. É certo que a abertura das covas inverteu, em muitos locais, a estratigrafia do sítio ou destruiu mesmo importantes vestígios, eliminando estruturas, pavimentos e níveis de ocupação. Não é menos verdade que, apesar disso, muitos elementos se conservaram, permitindo uma boa leitura do sítio. Sublinhe-se, contudo, que o vasto leque temporal coberto pelas estruturas arqueológicas não nos

forneceu dados em continuidade. Antes pelo contrário, a informação surge-nos a espaços e separada por grandes lacunas onde pouco se sabe.

Por outro lado, o empobrecimento de Mértola no período pós-Reconquista e a inexistência de uma pressão urbana sobre esta zona da cidade levaram a que nunca aqui se tivesse construído ou, sequer, que se tivesse sequer considerado tal possibilidade. Ao contrário do que sucedeu na maior parte das alcáçovas do sul, onde o espaço deixado livre pelos anteriores ocupantes foi rapidamente tomado e alvo de profundas alterações, em Mértola nada disso aconteceu. A última ocupação, em termos habitacionais, deste extremo setentrional da cidade foi, assim, o que diz respeito à época almóada, o que nos permite caracterizar esse período da vida de Mértola com algum rigor.

O extremo norte da cidade antiga é marcado pela presença de uma vasta plataforma aplanada que mede sensivelmente 50 por 35 metros, ou seja cerca de 1750 m². Neste espaço, a antiga zona áulica do período romano, foram realizadas importantes



Vista geral da Alcáçova de Mértola (foto SGM).



Pátio da Casa 1 (foto SM).

transformações ao longo dos séculos V e VI, ali sendo instalado um complexo religioso constituído por um baptistério e pelos respectivos anexos.

Nesta plataforma estavam incluídas, para além da basílica, uma galeria porticada, um baptistério e os respectivos anexos, formando um conjunto palatino de assinaláveis dimensões. A criação deste espaço, onde todas as construções subsequentes se iriam instalar, só foi possível mediante a construção prévia de um conjunto de muralhas que permitiram vencer os acidentes do terreno e possibilitaram a execução de extensos trabalhos de terraplanagem. Foi essa plataforma artificial que permitiu a instalação de um conjunto de edifícios de grande dimensão.

A norte, o desnível foi compensado por um criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e altura médias de, respectivamente, 2,70 e 5,80 m (Torres, 1987: 618). Este troço de muralha era ainda registado nos inícios do século XVI como parte integrante das estruturas defensivas da cidade. Duarte Darmas desenhou esta zona com algum detalhe referindo-se mesmo ao criptopórtico: «*aqui esta hua aboboda atopida muito booa*» (Almeida, 1943: 35).

Por cima deste criptopórtico estava instalada uma galeria porticada, com uma extensão total aproximada de 40 metros. A galeria tinha uma largura máxima de 3,65 m e parece ter sido construída numa única campanha, com o recurso pontual a materiais de reutilização, designadamente a pequenos fragmentos de peças arquitectónicas – blocos de mármore ou parte de fustes de colunas –



Reconstituição das casas do bairro almóada da Alcáçova de Mértola (desenhos JMP/PT).

que davam consistência a muros e a pilastras. Os muros foram erguidos com o recurso a blocos de xisto da região, bem ligados entre si por uma sólida argamassa de cal.

Todo o pavimento da galeria estava coberto com mosaicos, registando-se uma provável alternância de motivos naturalistas e geometrizes. Faixas largas igualmente decoradas ocupavam, de modo transversal, o espaço entre colunas, separando assim os painéis.

Desta galeria porticada tinha-se acesso a uma sala de grandes dimensões (17,30 m × 8,35 m), junto à qual se situava, a este, uma pequena ábside, usada nas celebrações religiosas. A sala maior

era um dos principais espaços do complexo palatino e aquele que albergava a piscina baptismal, de planta octogonal, situada no centro de um vasto tanque. Sobre a piscina baptismal deveria existir um baldaquino, tão comum noutras estruturas da mesma época (Cailliet, 1993: fig. 293). O acesso ao interior da piscina propriamente dita era feito através de duas escadas.

O estudo da piscina da sala sul é o elemento crucial tanto para a atribuição de funções a este espaço como para a elaboração de uma proposta de cronologia. As piscinas baptismais de planta octogonal são frequentes no contexto religioso da época, surgindo, com frequência associadas a baptistérios. De facto, e ainda que a planimetria (o desenho em forma de octógono) da peça de Mértola apareça, de momento, como caso raro na Península (há em Barcelona uma piscina octogonal que, na segunda fase do edifício – meados do século VI ou um pouco depois disso –, veio substituir o anterior baptistério cruciforme -Schlunk, 1978: 50-51 e abb. 27; Palol, 1989: 2010-2014 ver fig. 24-), são conhecidos outros exemplares com esta forma numa área geográfica que cobre, em particular, a costa mediterrânica da França actual (com um prolongamento importante ao longo do vale do Ródano), o norte de Itália e alguns sítios junto à costa da Dalmácia (Macias, 2006: 333-335).

Uma explicação cabal para tão invulgar e luxuoso projecto reside na riqueza mineira da região e na tomada do poder na cidade por uma burguesia que tomou nas suas mãos a gestão desses recursos. Importa também sublinhar a importância das comunidades orientais nas cidades do sul. A epigrafia tem dado, a esse propósito, um contributo inestimável, permitindo-nos estabelecer ligações entre Mértola e grupos de mercadores que usavam o grego como língua de comunicação. As relações de Mértola com o mundo bizantino terão sido incrementadas por esses contactos e contribuíram para incluir a cidade no circuito de produção artística daquele tempo. O caminho de Oriente para Ocidente percorrido pelos mosaístas que trabalhar no complexo religioso da área palatina não teria sido possível sem esse ambiente de contactos e de relações. Sobretudo, nada teria sido possível sem o impulso do comércio e sem o papel decisivo que os mercadores tiveram.

Do ponto de vista arquitetónico e arqueológico regista-se um prolongado hiato entre a Antiguidade Tardia e a época almóada. Do ponto de vista histórico não houve quaisquer interrupções. No entanto, e tal como é de regra no al-Ândalus, não há registo de estruturas para os períodos emiral e califal. Restam os vestígios do bairro almóada, edificado numa plataforma delimitada por um

conjunto de estruturas da Antiguidade Tardia e alto-medievais (e, em parte, pelos terrenos anexos à mesquita), às quais se sobrepôs e que, em grande medida, reutilizou.

A zona do bairro a este da antiga zona palatina (e nomeadamente as casas I e II) foi construída num plano ligeiramente inferior¹. Esse facto permite-nos identificar, com clareza, dois espaços distintos para a totalidade do conjunto habitacional: um edificado exactamente sobre o antigo complexo de época bizantina, e onde estão implantadas as casas III a VI e VIII a XV, e outro, mais próximo a mesquita, onde foram construídas as habitações I e II.

Não é possível reduzir a «casa mediterrânica» a um qualquer e rígido esquema de organização arquitectónica. Mesmo se considerarmos apenas o espaço geográfico do Gharb al-Ândalus constatamos a existência de uma razoável diversidade de soluções, e cuja destrição básica radica na dicotomia meio urbano/meio rural. São bem conhecidos os critérios propostos para a definição de «casa urbana»:

- presença de pátio organizado e bem cuidado;
- hierarquização dos compartimentos;
- módulos de habitat divididos em três componentes: compartimento principal e uma ou duas alcovas;
- presença de uma hidráulica doméstica elaborada (poços, cisternas etc.);
- cuidado com elementos decorativos (Bazzana, 1992a: 192).

Tal esquema, que faz apelo a um certo requinte no quotidiano só em parte pode ser aplicado às modestas habitações de Mértola.

Organizadas em torno de um pátio central, verdadeiro coração da casa, as moradias da alcáçova de Mértola dispunham, com pequenas variações, de idênticos compartimentos. Um percurso pelo seu interior, a respectiva descrição e a discussão em torno das funções de cada área poderá, talvez, dar-nos uma imagem mais precisa sobre um tipo de casa urbana desta cidade, bem como lançar pistas sobre o quotidiano da sua população.

As habitações deste bairro tinham um só piso. Eram, por norma, casas encerradas em si, viradas para dentro, de forma a preservar a intimidade dos moradores e, para além da porta, com raras aberturas ao exterior, ao ponto de se dizer que a dominante essencial é a vida

¹ As cotas estão aqui um pouco acima dos 64,50 m.

privada, o que é causa de que na topografia urbana o espaço público seja o negativo, face ao positivo de espaço privado (Acién Almansa, 2001: 17). As leis eram claras sobre a necessidade de não causar prejuízo a um vizinho, ao abrir uma janela sobre a sua casa ou uma porta face à sua (Ibn al-Imam, 1900: 55-56 e 93-97; Qayrawani, 1914: 208).

Parece-nos interessante registar que a largura das portas da rua era, com frequência, inferior às de outros vãos existentes no interior das casas². A soleira de entrada de maiores dimensões é a da casa VIII com 0,90 m de comprimento. Outras, bem mais estreitas, são as das casas I e II, com soleiras de 0,65 m e 0,75 m, respectivamente. A maior parte dos valores das outras habitações não puderam ser verificados. As soleiras, bem como as ombreiras, ou foram arrancadas após o abandono das casas para serem reaproveitadas ou, noutros casos, foram destruídas pela abertura de covas do cemitério.

As dezassete casas até agora identificadas neste bairro pertencem a uma tipologia arquitectónica que, em síntese, se baseia no mesmo princípio. Cada um dos conjuntos habitacionais, integralmente escavados, corresponde a uma área que oscila entre os 42 e os 160 m² (dos quais entre 20,93 e 47,74% pertencem ao pátio)³. São, a título comparativo, valores sensivelmente inferiores aos registados, por exemplo, em Cieza⁴ e Saltés⁵. As áreas apuradas nas casas de Mértola são as seguintes:

· Casa I	79,83 m ²	· Casa X	63,58 m ²
· Casa II	69,83 m ²	· Casa XI	63,34 m ²
· Casa III	85 m ² (estimativa)	· Casa XII	89,40 m ²
· Casa IV	70 m ² (estimativa)	· Casa XIII	61,88 m ²
· Casa V	70 m ² (estimativa)	· Casa XIV	61,24 m ²
· Casa VI	65 m ² (estimativa)	· Casa XV	em escavação
· Casa VII	a definir	· Casa XVI	em escavação
· Casa VIII	42,20 m ²	· Casa XVII	a definir
· Casa IX	160 m ² (estimativa – em escavação)		

² Porta (interior) de acesso ao pátio de uma casa almóada de Niebla 0,75 m de vão (Beltrán Pinzón, s.d.: 2)

³ A maior parte das casas situa-se entre os 60 e os 70 m².

⁴ Com oscilações importantes entre a superfície das casas «elementares» e «complexas» (Navarro, 1990: 198).

⁵ É o que se conclui a partir das medidas dos pátios (Bazzana, 1994).

No caso de Mértola, cada conjunto habitacional corresponde a um módulo, cuja área e organização funcional se parece repetir sem grande variação. As casas deste bairro desenvolvem-se em torno de um pátio central, de indiscutível utilidade como fonte de iluminação e ventilação. É em volta desse espaço que se organizam os restantes compartimentos (átrio, salões, cozinha, latrina e áreas de trabalho). Três destas casas (II, III e IV) tinham ainda um compartimento autónomo, onde é possível que se guardassem animais de carga. Embora tal procedimento seja mais vulgar nas habitações rurais a sua presença não é impossível num contexto urbano.

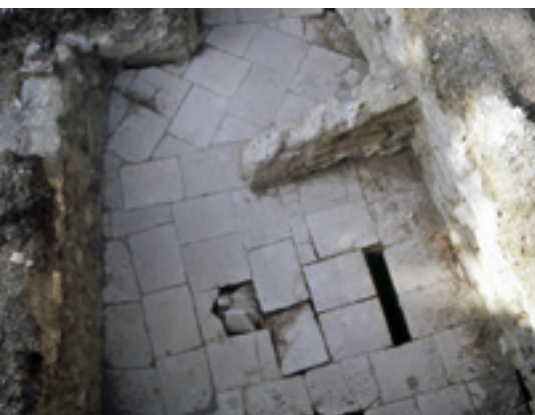
Nove dessas casas (I, II, III, VIII, X, XI, XII, XIII e XIV) foram lidas na totalidade da sua planimetria. Três outras (a IX, a XV e a XVI) estão em curso de escavação, ao passo que duas outras (a VII e a XVII), localizadas na encosta do castelo e em pleno bairro, têm apenas número atribuído, faltando concluir a intervenção arqueológica. De outras, exumadas nas primeiras intervenções realizadas há perto de 20 anos (IV, V e VI), apenas se identificaram apenas alguns compartimentos, podendo ser reconstituídas de forma razoavelmente aproximada, de acordo com a lógica de organização do espaço. Não serão, por isso, descritas nem analisadas em detalhes nas páginas que se seguem. Finalmente, a existência de outras habitações está apenas assinalada pela presença de poiais e soleiras (vejam-se, por exemplo, as casas do adarve este) ou por terem sido alvo de escavações parciais.

A identificação deste conjunto de habitações do final do período islâmico na alcáçova de Mértola possibilitou, ao mesmo tempo, um primeiro estudo sobre algumas características urbanas deste antigo bairro da cidade e a abordagem a temas como a organização espacial das habitações e o modo como os seus moradores as utilizavam. Único espaço abandonado na área intra-muros, apenas neste sítio se pode ter acesso a tal tipo de informação. O actual Centro Histórico de Mértola é constituído por um denso emaranhado de casas, ruas e vielas. Certamente alvo de inúmeras modificações ao longo dos séculos que se seguiram à Reconquista, não é possível identificar, em nenhuma das suas actuais habitações, traços de organização interna que correspondam à funcionalidade das habitações do período islâmico.

A partir de meados do século XIII a alcáçova de Mértola passa a ser ocupada pelo cemitério cristão, que se instala em torno da igreja matriz. Durante vários séculos, este espaço irá conhecer uma utilização intensa. A abertura de milhares de covas interferirá com os níveis arqueológicos, mas acabará também para contribuir para



Muros de adobe na Casa 1 (foto CAM).



Latrina da Casa 1 (foto SGM).



Muro exterior do Criptopórtico (foto AF).

a preservação do sítio, que ficou à margem do crescimento dos espaços edificados de Mértola.

Os trabalhos arqueológicos na alcáçova tiveram início em 1978. Foi a partir de então que uma parte importante da história de Mértola começou a ser resgatada. A lentidão pautou o ritmo das escavações. A morosa remoção de centenas de sepulturas levou a que só em 1991 comesse a tomar forma a leitura do bairro islâmico. Quase uma década volvida tornaram-se legíveis os mosaicos da Antiguidade Tardia. As propostas de reconstituição e de interpretação destes espaços consolidaram-se nos anos seguintes. A importância de Mértola enquanto entreposto mediterrânico ganhou ainda maior consistência. Os esplendorosos mosaicos do complexo religioso do período bizantino, o bairro almóada e os materiais cerâmicos recolhidos na alcáçova têm conhecido permanente divulgação junto da comunidade científica.

Este processo culminou em 2008 com a abertura regular da alcáçova ao público. O projeto do arq. José Manuel Pedreirinho criou um percurso de passadiços que sublinha os principais pontos de interesse arqueológico, protegendo, com coberturas apropriadas, as zonas de maior sensibilidade. Os trabalhos arqueológicos prosseguem, tendo-se alargado a área de intervenção.



Museu de Mértola. Arte Islâmica (foto SGM).

Arte Islâmica

SANTIAGO MACIAS
CLÁUDIO TORRES

A construção do Museu Islâmico atravessou várias décadas. Acompanhou o ritmo das escavações, as suas hesitações e paragens, as dificuldades financeiras e os inúmeros problemas de percurso. Do estudo prévio, em 1989, até à inauguração, em 2001, muitos escolhos tiveram de ser removidos. À frente de todos esteve a engenharia financeira do projeto, que consumiu energias, sem nunca impedir que se avançasse.

O edifício onde o Museu Islâmico está instalado foi, em tempos, um celeiro. Há muito que o seu uso como espaço museológico estava definido. Uma primeira proposta, datada de finais dos anos 70, avançava com uma solução formalmente conservadora. Prevvia-se a instalação de um museu municipal, com uma exposição de arqueologia, etnografia, arte sacra etc. O tempo e o ritmo dos trabalhos em Mértola se encarregariam de tornar esta ideia ultrapassada. A quantidade e a qualidade dos materiais do período islâmico justificavam que se lhes consagrasse um espaço temático.

O projeto de arquitetura de José Alberto Alegria resolveu, de forma feliz, a necessidade de ligar dois espaços autónomos, criando um percurso lógico. A instalação de passadiços metálicos, no primeiro piso, amarrados aos muros do edifício, libertou o interior do imóvel. Este ficou valorizado, permitindo também aos materiais arqueológicos que ganhassem autonomia e vida própria. Optou-se por um discurso expositivo temático. A banalidade da cronologia deu lugar ao homem comum de uma cidade como Mértola e aos diversos aspetos da sua vida. Um modo de ver as coisas que corresponde aquilo que o projeto é, desde o seu início. Como se pode constatar pelos textos que se seguem, e que são os do próprio museu.

UMA CIDADE MEDITERRÂNICA

A história é feita de muitas memórias. O documento escrito, nas suas linhas e entrelinhas, pretende mostrar à posteridade os feitos dos poderosos, os registos de uma história encomendada. Aos oprimidos, sem escrita, resta o efémero de um gesto ou acorde musical, resta o artefacto humilde de todos os dias, a panela escura que esbeçou de cansaço ou o candil onde o azeite secou.

Neste nosso museu vamos contar a história possível dos vencidos, dos camponeses, pescadores e artesãos de Mértola, a quem chamaram mouros, e que habitaram e ainda habitam as casas dos seus antepassados.

Um quilómetro de muralha, sete hectares intra-muros, dois mil habitantes e um porto fluvial em contacto com o mar, fizeram da antiga cidade de Mértola uma pequena capital regional e um destacado entreposto que soube aproveitar o Guadiana como fonte de sustento e ponto de abertura a todas as rotas do comércio mediterrânico. Da cidade islâmica, além do seu próprio traçado urbano restam alguns poucos vestígios monumentais, aqui mostrados ou sugeridos e, sobretudo, as pequenas marcas da vida de todos os dias, as memórias de muitos e antigos saberes.

UMA CASA NA ALCÁÇOVA

A casa é o refúgio, o espaço reservado à mulher. Dentro das suas paredes cegas e caídas viviam também as avós e as filhas solteiras. A rua é o espaço do homem. Assim era no Mediterrâneo e também na sociedade muçulmana de Mértola.

Um pátio central recebe as águas da chuva e a luz do sol que ilumina os potes alinhados na dispensa, o canto da lareira da cozinha de telha vã, a porta estreita de acesso à latrina e as duas salas com alcova. A telha de meia cana «mourisca» assentava, como hoje, num tapete de caniço e os espessos muros de taipa protegiam da canícula. Esta casa-típo, com uma área útil a rondar os setenta metros quadrados, afunda as suas raízes no mundo greco-romano e encontra-se difundida por todas as cidades do Ândalus.

Na zona da alcáçova, três dezenas de habitações de tipologia semelhante foram construídas na segunda metade do século XII sobre as ruínas de um complexo religioso de época bizantina (século VI), cuja memória já se perdera.

UMA SÍNTESE MEDITERRÂNICA

A técnica de vidragem policroma que se convencionou chamar «corda seca» foi produzida em centros oleiros peninsulares desde o século XI, servindo de inspiração e de escola à tradição mudéjar de azulejaria quinhentista.

Sobre o barro cozido é traçado o desenho de contorno dos motivos com uma linha escura de manganês que delimita os espaços depois preenchidos com vidrado de diferentes cores: branco, verde, preto e melado. Quando toda a superfície é revestida de vidrado recebe o nome de corda seca total; quando são visíveis porções de barro não vidrado chamamos-lhe corda seca parcial.

A morfologia das peças, a técnica e os motivos decorativos desta coleção têm origem longínqua na Pérsia Sassânida onde, antes e depois da islamização, foram convergindo as tradições e os saberes das grandes civilizações do Mundo Antigo. O mesmo percurso seguiram algumas formas inovadoras, assim como as técnicas de cozedura e vidragem iniciadas na China, os motivos florais e zoomórficos oriundos das velhas civilizações industânicas, a composição iconográfica e um incipiente geometrismo inspirados no vocabulário tardorromano. Esta síntese estética ganhou forma no Ândalus onde, a partir do século IX, a capacidade criativa dos seus artesãos e a qualidade dos seus artefactos serviram de modelo a todo o Mediterrâneo.

TALHAS DECORADAS

Desde a noite dos tempos, por razões culturais e climáticas, as civilizações mediterrânicas aprenderam a respeitar e a guardar a água como um dos bens mais raros e preciosos. Além dos aquedutos e cisternas que tradicionalmente permitiam o abastecimento colectivo, cada família, cada casa, além de utilizar a insegura colheita pluvial, possuía sempre uma ou duas bojudas talhas onde se armazenavam centenas de litros de água transportada em cântaros das fontes ou do rio. Nestes grandes potes de barro poroso, a decoração em estampilhado quase sempre revestida de pasta vítrea, não cobria a parte inferior do bojo para que a transpiração pudesse conservar a água sempre fresca. Entre motivos geométricos e florais estilizados, as carteias e registos decorativos gravados sobre os ombros e o colo destas talhas contêm quase sempre palavras propiciatórias em língua árabe a solicitar a benção divina e a esconjurar todos os males que pudessem ameaçar a pureza do seu conteúdo.



Museu de Mértola. Arte Islâmica (fotos SGM).

A MESQUITA ALMÓADA

No último quartel do século XII, sobre anteriores santuários de época romana e paleocristã e no extremo nascente da alcáçova de Mértola, foi construída de raiz uma nova mesquita que a conquista cristã de 1238 transformou em igreja matriz.

Este templo muçulmano corresponde a um modelo bem conhecido em todo o Mediterrâneo Ocidental: um amplo espaço quadrangular, habitualmente implantado no centro vital da cidade, e coberto por telhados múltiplos assentes em fiadas de colunas. O templo de Mértola tinha cinco naves, cada uma com um telhado de duas águas, duas dezenas de colunas portantes e uma torre minarete adossada à fachada noroeste e utilizada como campanário até ao século XVII. No lado nascente deste espaço hipóstilo orientado para Meca, destaca-se ainda hoje um nicho (o *miḥrāb*), primorosamente decorado em baixo relevo, que servia de referência aos fiéis no seu diálogo silencioso com a divindade.

Resistiram ao tempo, e à intolerância da Contra-Reforma, o *miḥrāb* e quatro pequenas portas (três abertas ao antigo pátio e uma outra ao exterior) em que o arco em ferradura, levemente peraltado, é emoldurado por um alfiz.

OS RITOS FUNERÁRIOS

A tradição do mundo romano e paleocristão de enterrar os seus mortos junto aos caminhos fora do perímetro da cidade, seria continuada pela topografia das necrópoles islâmicas. A chegada a qualquer povoado obrigava ao atravessamento dos cemitérios, que a muralha urbana separava do mundo dos vivos, ficando estes protegidos da ameaça das trevas e também do caos exterior.

O rigor e a pobreza impostas nos rituais de inumação muçulmanos faziam com que nestes cemitérios urbanos os desníveis sociais fossem apenas perceptíveis na existência ou ausência de uma lápide funerária ou na qualidade do seu lavrado epigráfico. Com frequência, e este é o caso de Mértola, os enterramentos islâmicos acabam por ladear ou sobrepor-se às necrópoles judaica e cristã anteriores, as quais, por sua vez, haviam ocupado ou reutilizado as ruínas de monumentos funerários romanos e pré-históricos.

AMBIENTE E TRADIÇÃO

Símbolo do Campo Arqueológico de Mértola, esta tigela que ocupa o espaço expositivo central, filiada no estilo ornamental das oficinas tunisinas de finais do século XI, representa uma cena

de caça com falcão. Algures nas orlas do deserto e fora do nosso campo de visão, um cavaleiro persegue uma gazela de longas hastes contra a qual lançou um galgo e um falcão. Uma mão ágil de oleiro traçou em verde e manganês sobre fundo branco o programa decorativo fortemente estilizado em que os três animais são envolvidos numa estranha vertigem.

Esta sabedoria do desenho germinou e cresceu nas olarias peninsulares, onde a decoração, geometrizante, fito ou zoomórfica, moldando-se sabiamente à forma e ao volume do objecto, atinge uma qualidade plástica raramente lograda em épocas posteriores.

A mesma inspiração e idêntica temática naturalista, aliadas a uma outra policromia, a corda seca total, notabilizam outra das peças da vitrine, onde está representado um corço, e que foi fabricada no Ândalus meio século mais tarde.

UMA TRADIÇÃO INDÍGENA

Durante muito tempo atribuídas a uma suposta origem berbere, as cerâmicas de pasta vermelha com pintura a branco são, afinal, produções autóctones, características das regiões mais a ocidente do Ândalus.

A proximidade da gramática decorativa com as cerâmicas do Atlas e do Rif terá que procurar-se noutros domínios, no vocabulário ornamental desenvolvido ao longo de milénios pelos pastores e pelos seus clãs familiares.



Museu de Mértola. Arte Islâmica (foto SGM).

As técnicas de entrançado nas esteiras de junco e sobretudo as incisões na madeira feitas à faca, desenhando complexos encadeados de losangos estão talvez, entre as mais antigas técnicas decorativas, as mesmas que irão depois aplicar-se à tecelagem.

Por essa razão encontramos, tanto no Sul de Portugal como no Norte de Marrocos, o mesmo ritmo decorativo nos entrançados da lã e nos traços do pincel que decoram a cerâmica, onde a «espiga com silva» e o losango têm a mesma linguagem. São formas de expressão cujo vocabulário se perde no passado, tanto quanto a própria actividade que lhes deu forma.

COZER OS ALIMENTOS

A peça central da cozinha foi, desde sempre, a panela. De tradição pré-romana e ao serviço de todas as classes sociais, este pequeno recipiente de fundo convexo, corpo globular com ou sem caneluras, de boca pequena com bordo engrossado e duas asas, marcou a sua presença obrigatória nas cozinhas no Gharb.

Escurecida pelo uso, a panela aconchegada na cinza quente da lareira, não era exposta directamente à chama viva. Podia ser tapada ou não, consoante a sopa ou guisado pediam apuramento.

Caçoilas e fogareiros completavam o trem de cozinha de uso diário. É provável que estas peças não tivessem uma vida útil muito prolongada, dada a natural fragilidade e a produção artesanal de baixo custo. A substituição destes utensílios deveria certamente coincidir com as festas e mercados sazonais, onde os oleiros da região vinham vender a sua arte.

DIAS DE TRABALHO

A economia de subsistência marcou, durante muitos séculos, o quotidiano das comunidades que viviam nas zonas serranas entre o Alentejo e o Algarve. Uma agricultura pobre e o pastoreio de pequenos rebanhos caracterizam bem uma vida frugal de onde sempre estiveram ausentes os mais caros produtos citadinos.

São objectos de grande simplicidade os que testemunham a vida da comunidade urbana de Mértola: alguns objectos metálicos de fabrico pouco requintado e, sobretudo, uma impressionante colecção de peças relacionadas com a actividade da tecelagem, tradição antiga prolongada até aos nossos dias. Agulhas, torres de roca e cossoiros em osso e uma tesoura são hoje os vestígios silenciosos de uma actividade familiar que mobilizava as mulheres da casa depois da labuta diária e nos serões de Inverno.

Destacam-se neste conjunto dois cadinhos que foram utilizados para fundir prata, derradeiro vestígio de uma oficina de ourives que, em finais do século XI, existiu no bairro islâmico da alcáçova.

HORAS DE LAZER

Apesar das esporádicas referências das fontes escritas aos jogos e actividades lúdicas, não deixam de ser significativos, embora pouco abundantes, os vestígios recuperados nas intervenções arqueológicas. No entanto continua envolvida na penumbra a forma como eram ocupados os tempos de lazer nestas sociedades onde cada gesto, antes de qualquer motivação lúdica, suportava as pesadas cargas simbólicas do sobrenatural.

Do jogo de xadrez, conhecido e apreciado nos meios aristocráticos, não se encontrou até hoje uma única peça. Pelo contrário, são relativamente frequentes os tabuleiros e as pedras usadas numa série de jogos populares, como o gamão, o três em linha e o jogo do galo.

Apesar das dúvidas que persistem em relação ao uso de um objecto em osso como instrumento musical parece haver mais certezas quanto à identificação de um pequeno tinteiro recolhido numa das casas islâmicas de Mértola.

A MESA MEDITERRÂNICA

A tigela de cerâmica vidrada era a peça mais importante da louça utilizada na apresentação dos alimentos. Um conhecido preceito religioso proibia a utilização de metais preciosos nos serviços de mesa, pelo que é provável que o desenvolvimento e difusão de técnicas de espectacular efeito decorativo como a «corda seca», o «verde e manganês» e o «reflexo metálico» na louça de mesa sejam resultado deste tipo de restrições.

Para comer, havia sempre várias tigelas vidradas, maiores ou menores, conforme fosse o número de convivas. Porém, só uma era colocada entre os comensais, sobre uma esteira ou toalha, e dela todos comiam, segundo a ordem hierárquica da família. O local da refeição era o pátio, onde muitas vezes também se cozinhava em fogareiro. Nos meios mais pobres, como a casa serrana, seria utilizada uma colher talhada em madeira. Para beber não havia recipientes individuais. Uma bilha de pitorro ou biqueira circulava de mão em mão.

A MERCADORIA

Ao longo de todo o período islâmico as oficinas das grandes cidades andaluzas especializaram-se na produção de objectos



Museu de Mértola. Arte Islâmica (foto SGM).

de luxo para o uso quotidiano que desempenhavam importante papel nas trocas comerciais. Embora um natural destaque seja atribuído a cidades como Córdoba ou Toledo, a armaria e aços embutidos ou damasquinados que as celebrizaram foram imitados por outros centros urbanos.

Até há poucos anos, as moedas eram os únicos objectos metálicos atribuíveis à civilização islâmica em Portugal. A despeito do fascínio que tais peças continuam a exercer, muitas outras têm vindo a surgir em resultado de trabalhos arqueológicos.

Pertencem a esse grupo os anéis e brincos em ouro e prata, assim como as fivelas em cobre e bronze dourado ou as ferragens de arqueta com decoração esmaltada.

FAZER A GUERRA

No Ândalus, e excluindo as primeiras campanhas do século VIII d.C., conduzidas expressamente com objectivos de conquista e em que é perceptível uma estratégia de ocupação territorial, não há, depois desse período, um único caso conhecido e documentado em que o móbil tenha sido uma vontade expansionista. A partir dessas épocas iniciais do Islão e excluindo algumas razias de retaliação, a sua máquina guerreira é sobretudo defensiva.

Os testemunhos de actividades guerreiras são escassos no Portugal Islâmico. Sem contar as epígrafes que mencionam a obra das muralhas de Évora e a construção de uma torre em Silves, resta-nos a presença ainda imponente das cortinas em taipa da época almóada, distribuídas um pouco por todo o Sul de Portugal.

Mais raros ainda são os vestígios dos objectos ligados às acções bélicas. As escavações arqueológicas têm possibilitado a recolha de umas quantas folhas de lança, virotes de besta, fivelas, placas de arreios e pouco mais.

A LUZ E O CALOR

Os candis de bico são dos mais característicos vestígios de um assentamento islâmico. Os seus elementos decorativos e o material de fabrico variavam apenas consoante a classe social dos seus proprietários. Os modelos fundidos em bronze com caprichosas representações de animais são admissíveis apenas em ambientes palatinos e abastados.

São conhecidas as referências escritas ao facto de a mulher se fazer quase sempre acompanhar no interior da casa por uma pequena almotolia com a qual tanto alimentava as lâmpadas como temperava a comida. O papel da mulher na casa era ao mesmo tempo fonte de comida e de luz.

Nas frias noites de Inverno, o calor era procurado no aconchego da lareira da cozinha e, sobretudo, distribuído por pequenos braseiros de metal, ou escalfetas, que em tempos mais recentes ainda eram utilizadas pelos nossos avós.

RESTAURAR O PASSADO

A História do lugar, os museus e o próprio futuro da memória são uma permanente e minuciosa obra em construção. Mais que qualquer outra peça, a magnífica jarra em «corda-seca» parcial com o número 5.8. do catálogo, na sua laboriosa recolagem, representa de certo modo o símbolo do nosso trabalho de muitos anos. Dia após dia, e enquanto se faziam e desfaziam hipóteses



Museu de Mértola. Arte Islâmica (foto SGM).

sobre a Mértola islâmica, o seu corpo esbelto de finas paredes voltou a ser moldado, retomando a forma que já fora a sua.

Traços negros de manganês limitam áreas recobertas de vidro verde e, de quando em quando, uma mancha cor de mel. As áreas por vidrar são percorridas por rápido ponteadado. Entre outros registos florais e geometrizes, sobre o ombro da jarra uma sequência de carteias repete, em caligrafia cúbica, a mesma fórmula propiciatória.

DO ZELIJ AO AZULEJO

Um painel e uma cúpula representam o espaço de encontro do Museu Islâmico. Aqui se cruzam as representações dos mundos urbano e camponês, a tradição e a inovação, a experiência dos artesãos dos dois lados do Mediterrâneo e a memória de técnicas já esquecidas no sul português.

O conciso entrançado da flor geométrica dos palácios urbanos ganha aqui nova expressão quando se cruza com a espiga singela das mantas camponesas. Entendemos melhor como do antigo alicatado, do zelij se chegou ao azulejo. Partindo destes fragmentos polícromos de cerâmica vidrada delicadamente cortados e dispostos em composições geométricas, os ceramistas ibéricos dos séculos seguintes souberam fazer a síntese plástica dos belos tapetes de alicatados, corda seca e aresta que hoje ainda revestem alguns dos nossos monumentos mais prestigiados. À esta mesma tradição foram beber os alarifes e mestres construtores alentejanos de abóbadas e abobadilhas que durante muitas gerações conferiram uma outra qualidade e dignidade às arquitecturas andaluza e portuguesa.



Remate mudéjar que percorre a cimalha do edifício (foto SGM).

Mesquita Igreja Matriz

CLÁUDIO TORRES

SANTIAGO MACIAS

JOAQUIM MANUEL FERREIRA BOIÇA

MARIA DE FÁTIMA ROMBOUTS DE BARROS

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ

A MESQUITA DE MÉRTOLA

Na acrópole e integrado no complexo cívico e palatino da cidade ter-se-á erguido durante a antiguidade o templo principal, simultânea ou sucessivamente dedicado a várias divindades do panteão romano e, na sua última fase, certamente consagrado ao culto imperial. Sobre este edifício religioso e a sua implantação podem adiantar-se algumas conjecturas, com base em diversos indícios. O actual corpo da Igreja incorpora elementos de construções anteriores, entre os quais se destacam dois fragmentos de mármore finamente lavrado, talvez pertencentes ao entablamento de um templo de época imperial. Também não é de excluir a hipótese da maioria dos fustes das colunas que hoje suportam a abóbada quinhentista terem pertencido ao peristilo deste hipotético templo romano. Três fragmentos de inscrições, dois deles encontrados durante as obras de restauro da Igreja Matriz, em meados do século XX, apontam igualmente para a existência de um espaço áulico nas imediações desta zona da acrópole.

As peças arquitectónicas atribuíveis às construções existentes neste local da Matriz de Mértola são em número razoável: pelo menos cinco ábacos foram encontrados durante as já aludidas campanhas de restauro ou recuperados nas imediações da igreja. Quatro destes elementos, datáveis do século VII d.C., apresentam motivos decorativos idênticos: um *cantarus*, apenas esboçado, lança hastes simétricas cujas gavinhas alimentavam folhas de hera. É também desta zona que provem o achado de um conjunto de peças de cronologia tardo-romana. Duas delas foram recolhidas junto à muralha norte da cidade – uma imposta de cronologia mais recente (séculos VIII-IX?) e um colunelo com caneluras torsas (século VII?) –

pertencentes certamente a um edifício religioso. Do santuário ou santuários anteriores à mesquita, cuja estrutura perdurou até ao século XVI provêm ainda dois capiteis reaproveitados na campanha quinhentista. Embora a sua gramática corresponda aos modelos clássicos, há elementos, como a forma muito simplificada das volutas, que nos levam a considerá-los como obra tardia.

Há, portanto, um apreciável conjunto de elementos arquitectónicos que apontam para a existência no local de pelo menos um edifício de características palatinas e/ou religiosas antes da edificação da mesquita. Com a proclamação do cristianismo como religião oficial do Império Romano terá sofrido adaptações significativas. É plausível admitir que esta igreja primitiva, sem grandes modificações, tenha sido adaptada a santuário muçulmano no decurso dos séculos VIII ou IX. Terá permanecido quase inalterado algumas centenas de anos até à profunda campanha de obras do período almóada que lhe conferiu os elementos que, ainda hoje, permitem atribuir à igreja matriz de Mértola a qualidade indiscutível de antiga mesquita.

Erguida na fase de afirmação do poder almóada, e provavelmente contemporânea da data de construção de uma parte significativa do bairro islâmico da alcáçova situado nas imediações, a mesquita



Igreja matriz desde o Castelo (foto SGM).

de Mértola só pode ser atribuível à segunda metade do século XII, tendo sido provavelmente construída no derradeiro quartel daquela centúria.

No desenho de Duarte de Armas, realizado nos inícios de Quinhentos, é ainda perfeitamente legível a estrutura da mesquita, erguida naquele período. Templo de cinco naves, cada uma coberta por um telhado de duas águas, dele restam, actualmente, os muros exteriores e quatro pequenas portas (três abertas ao antigo pátio e uma outra ao exterior) em que os arcos em ferradura, levemente peraltados, são emoldurados por um alfiz.

O edifício, com paredes de alvenaria e planta quase quadrangular, ocupa cerca de 300 m². O muro da *qibla* (orientado a sudeste) é o mais extenso com os seus 19,06 m interiores, ao passo que o muro noroeste tem apenas 18,13 m. A sua profundidade é um pouco menor: a face interior da parede nordeste tem uma extensão de 13,5 m e a virada a sudoeste prolonga-se por 15,85 m. Os ligeiros desacertos constatados nas medições das paredes mestras e a falta de simetria da planta derivam do facto de terem sido utilizados os alicerces de muros pré-existentes.

A construção actual tem cinco naves, tantas quanto ostentava a mesquita. Porém, o número de tramos foi reduzido: hoje são quatro, mas até meados de Quinhentos os tramos eram seis, conforme se pode ler no texto da Visitação de 1515, onde se afirma expressamente que a igreja tinha cinco naves, cada uma com seis arcos (Barros; Boiça e Gabriel, 1996: 68). É provável que, com excepção do corredor mais largo que se estende fronteiro à *qibla*, cada um dos tramos não excedesse os 3 m de largura. Uma pequena floresta de 20 colunas preenchia o espaço interno do templo muçulmano. À maior largura da nave central corresponderia também, no exterior, um telhado levemente mais elevado. É também provável que, além dos contrafortes ainda perceptíveis no exterior do monumento, que contrariam a pressão interior do alinhamento dos arcos, um sistema de tirantes unisse as diferentes fiadas de arcos, conferindo maior solidez ao conjunto. A altura original dos muros rondava os 5,50 m, como se pode ainda constatar nos alçados sudeste e nordeste, dado que um pequeno ressalto marca, nesses dois muros, o topo da parede primitiva, tendo sido posteriormente alteada com a construção da abóbada em meados do século XVI.

A existência de duas naves de maiores dimensões em relação às restantes criava uma zona bem marcada no interior da mesquita, facilmente identificável pela sua planta em «T». Esta forma de organização do espaço, também presente em Kairouan, Argel,



Reconstituições da Mesquita almóada de Mértola (desenhos JPM/PT).



Porta almóada da Mesquita de Mértola (foto AC).

Córdova, Tinmal e Marrakech (Ewert, 1992: 88), situa bem o templo de Mértola no contexto da arte islâmica ocidental.

A mesquita, como era usual na época, teria um tecto de madeira policroma, dividido em 5 tabuleiros horizontais, tantos quantos as naves, cujos barrotes de sustentação assentariam nas paredes divisórias de cada nave. Sobre esse tabuado desenvolver-se-ia um sistema de asnas (com os seus tirantes, pernas e pendurais), sobre o qual assentavam os cinco telhados de duas águas que cobriam individualmente cada nave.

Os trabalhos de restauro da DGEMN, nos anos 50 do século XX, puseram a descoberto quatro portas de arco em ferradura. Três delas situam-se no muro nordeste e dariam acesso à sala de oração a partir do pátio ou *sahn*. A largura destas portas oscila entre 1,15 e 1,03 m e apresentam uma moldura em tijolo em que se destaca o enquadramento em alfiz. Nas jambas foram, por vezes, incorporados blocos de granito que parecem ser contemporâneos da obra almóada. Ainda que actualmente apresentem tijolos à vista, na origem tudo seria rebocado e caiado. Estas três portas situam-se lateralmente ao eixo principal do templo, não havendo qualquer vestígio da existência de uma entrada axial destinada ao uso do público. Uma quarta porta, também de arco em ferradura, abre-se no muro da *qibla*, com 0,81 m de largura e 2,70 m de altura. Apresenta-se igualmente enquadrada por um alfiz, conservando ainda os saiméis de suporte do arco.

Da antiga mesquita parece também provir um fragmento de lintel referenciado por Estácio da Veiga (1880: 261-262), hoje pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia. Localizada por este eminente arqueólogo sobre a porta de entrada da torre de menagem do castelo, a análise estilística da epigrafia aponta para a segunda metade do século XII. Escrita em cúfico, reproduz a primeira parte do verso 27 da sura XXXVI do Alcorão (Borges, 2001).

O MIHRĀB

O *mihrāb* da mesquita de Mértola é uma peça única no contexto da arte islâmica em Portugal e que, de forma quase miraculosa, chegou até aos nossos dias. Durante muitos séculos escondido sob uma camada de reboco, foi desentapado durante a campanha de restauro levada a cabo no final da década de 40 do século XX. Encontrava-se articulado em três zonas diferenciadas: um soco liso, uma arcaria cega e a cúpula (semi-calota). Apresenta uma planta em forma de meio octógono e está coberto por uma abóbada em quarto de esfera feita com fiadas horizontais de tijoleira. Tem entre 1,15 e 1,20 m de largura e cerca de 0,75 m de profundidade. O arranque

da meia-cúpula está a 3,40 m do pavimento actual, ao passo que o seu vértice (flecha) atinge os 4,26 m (Ewert, 1973:28-29).

Na parte inferior (o soco tem uma altura aproximada de 2 m) e pelo facto de já ter desaparecido o revestimento, é legível o aparelho construtivo da parede primitiva. Predomina a pedra argamassada, por vezes intercalada de modo irregular com fragmentos de tijolo. Aparentemente, a semi-calote terá sido construída com tijolo disposto em fiadas circulares.

Este elemento orientador da prece muçulmana exhibe ainda uma notável decoração em estuque (argamassa de cal e gesso com uma espessura que ronda os 4/5 cm), apesar de se encontrar bastante mutilada. Hoje sem policromia, esta decoração é constituída por três arcos cegos polilobados rematados por uma cornija. A zona da arcaria tem 1 m de altura. Os arcos repousam sobre capitéis de leitura quase indecifrável, que por sua vez assentam em colunelos adossados ao centro de cada uma das faces do polígono. O nicho é rematado por uma cimalha moldurada por dois encordoados, com o tema do «cordão do infinito» que se repete no topo do conjunto. Colunas e arcos surgem em relevo sobre o plano do fundo, entre 22 a 28 mm. Os traços que dão expressão aos arcos, colunas e às palmetas foram gravados nesta superfície através de finas incisões.

Do ponto de vista tipológico, ainda que apresente um maior grau de sofisticação, o *miḥrāb* da mesquita maior de Almeria constitui um importante paralelo para o *miḥrāb* de Mértola, pela utilização dos mesmos elementos: o cordão do infinito, os arcos polilobados, os pequenos fustes encimados por capitéis. Estas semelhanças apontam para uma época comum para a construção destes dois edifícios.

Na mesquita de Mértola, as faces do *miḥrāb* e o maciço onde este se insere não são coincidentes, apesar de ambos terem planta poligonal. Este descentramento para a esquerda levou Christian Ewert (1973: 27) a colocar a hipótese de outrora ter existido, à direita do *miḥrāb*, um pequeno compartimento onde era guardado o *mimbar* móvel. Tal proposta parece perfeitamente justificada se tivermos em conta o registo fotográfico das obras de restauro e, sobretudo, as referências ao «oco da torre do Alcorão» e a um púlpito de madeira móvel que estava colocado junto ao altar-mor (Boiça e Barros, 2011).

O *miḥrāb* da mesquita de Mértola está orientado a sudoeste, seguindo neste ponto os cânones em uso nos períodos almorávida e almóada. Uma orientação idêntica verifica-se nos templos almóadas de Caatrovitas, de Sevilha e da alcáçova de Jerez de la Frontera (Pavón, 1996: 99).



Miḥrāb almóada da Mesquita de Mértola (foto AC).

O ALMINAR

A Reconquista de Mértola veio conferir novas funções ao minarete ou alminar da mesquita, sendo convertido em torre do campanário. As vozes dos almuedãos deram lugar ao som dos sinos da Igreja.

O alminar era ainda visível no tempo em que Duarte de Armas desenhou a matriz de Mértola (1509) e conservou-se até à segunda metade do século XVI. Era uma torre exterior ao edifício, adossada ao muro noroeste e cuja estrutura ao nível de planta, alçados e organização interna nos é desconhecida. Podemos suspeitar que teria um aparelho de alvenaria ou tijoleira, certamente rebocada e caiada. Duas bandas de arcarias cegas eram ainda visíveis, nos inícios de Quinhentos, no coroamento. Repetiam-se, assim, esquemas decorativos muito comuns em edifícios religiosos almóadas e que encontramos tanto na Giralda de Sevilha, como no alminar da mesquita de Hassam, em Rabat.

A IGREJA MATRIZ DE MÉRTOLA

Quando Mértola foi conquistada pelas hostes de Santiago de Espada, em 1238, já se havia esfumado o brilho da presença almóada nesta antiga urbe mediterrânea. Os novos senhores da urbe não promoveram, acto imediato, a construção de qualquer edifício, militar ou religioso, associado à sua presença e ao triunfo alcançado sobre o poder muçulmano. Inicialmente, cristianizaram a mesquita, dedicando-a a Santa Maria, tendo o edifício de época almóada perdurado, sem alterações significativas, até à década de 30 de Quinhentos. Durante esse alargado período de tempo levaram-se a cabo, naturalmente, algumas obras na moldura do edifício e modificações na organização do seu espaço interior, umas ditadas pela sua adaptação a igreja cristã, outras pela evolução da organização do culto e do sentimento religioso.

A redefinição da organização urbana de Mértola no período de pós Reconquista conduziu à definição de uma nova axialidade do velho templo, retirando funcionalidade às portas situadas no alçado nordeste (no prolongamento espacial do bairro almóada da Alçaçova) e impondo a necessidade de abrir um novo portal, no alçado sudoeste do edifício (voltado à vila). Com esta mudança, o altar-mor, que deveria situar-se no quadrante leste, como era de regra, ergueu-se na parede virada a nordeste, em posição fronteira ao portal, localização que obrigou, provavelmente em finais do século XIII, ao entaipamento de duas das três antigas portas da mesquita existentes nesse paramento. Da deslocação do altar-mor resultou, igualmente, a transferência dos altares secundários para os tramos laterais.



Interior da Igreja Matriz, onde é visível a abóbada construída na década de 30 do século XVI (foto AC).

O primeiro acrescento estrutural ao velho edifício de raiz almóada surge apenas em finais do século XV (1482), quando os visitantes da Ordem de Santiago, a par da reorganização dos altares novamente no quadrante leste, mandam edificar uma sacristia. De pequena envergadura, era coberta por um telhado de valadio de uma só água e encontrava-se adossada à parede sueste do templo, comunicando com este através de uma antiga porta *«assy como ficou do tempo dos mouros»*, como observaria, alguns anos mais tarde, um visitante (Barros; Boiça e Gabriel, 1996: 351).

O acrescento da sacristia e as modificações que até inícios do século XVI foram sendo introduzidas na organização do interior da igreja não apagaram os registos materiais, nem esvaziaram da memória a evidência de que o edifício cristão era basicamente o da antiga mesquita: as mesmas paredes mestras a definir um espaço quase quadrangular ritmicamente seccionado por colunas e arcos de pedra, que definiam cinco naves e seis tramos. O tecto era

constituído por um forro de madeira, sendo o edifício coberto por cinco telhados de duas águas que marcavam exteriormente as naves. Adossado ao alçado noroeste da igreja, junto à porta lateral, sobrevivia o minarete, então utilizado como torre sineira.

A construção do coro-alto apenas em 1527 foi iniciada, tendo-se recomendado em 1529 a abertura de uma fresta no alçado noroeste para o iluminar. Foi tardiamente, também, que se deu cumprimento à determinação de mandar revestir os altares de azulejos. Um dos arranjos, sempre adiado, foi o da escada de caracol da alta torre do campanário (antigo minarete), sucessivas vezes ordenado, mas as desejadas obras acabaram por não se realizar, face à acesa polémica travada sobre a quem competia a obrigação de tal «corregimento», se aos fregueses, se ao comendador.

Foi somente na terceira década do século XVI que se registaram intervenções de vulto na Igreja Matriz de Mértola. Só então se modifica substancialmente a volumetria e a espacialidade do edifício primitivo. A iniciativa de «reformatar» o templo partiu do alcaide e comendador da vila, D. João de Mascarenhas, que irá promover as obras «*a sua propya custa*» (Barros; Boiça e Gabriel, 1996: 299). Do programa construtivo, posto em marcha no ano de 1532, constava, sobretudo, a redução do número de tramos, de seis para quatro, mantendo-se o esquema de cinco naves (com a central mais larga que as restantes); a elevação das paredes e construção de uma nova cobertura, de abóbada de nervuras, unificando-se o espaço; a demarcação da zona do altar-mor e a edificação de um novo portal principal em estilo renascentista. Dezanove anos mais tarde, em 1554, as obras da Matriz de Mértola, que nesta altura se intitulava Nossa Senhora de Entre-Ambas-as-Águas, estavam quase concluídas. A contrastar com o aspecto renovado do conjunto, persistia, altivo, o velho minarete.

Quase tudo na organização do espaço interior da igreja se mostrava, agora, diferente, a começar pelo altar-mor. Situado na projecção da nave central, ocupando a reentrância que enquadrava o antigo *mihrāb*, estava delimitado por um arco, encimado por um elegante motivo decorativo, em forma de concha, e por dois finos colunelos. Para acentuar o seu simbolismo, deu-se ao tramo da nave central que o antecedia um esquema de cobertura mais elaborado, uma abóbada de nervuras em estrela, recebendo os restantes tramos da igreja abóbadas simples, de cruzaria de ogivas. Na parede poente, por seu turno, marcava presença, no alinhamento da nave central, um novo coro-alto, construído em alvenaria e tijolo. No canto norte da igreja, resguardada por um gradeamento, encontrava-se a pia

baptismal, de forma quadrangular e apoiada numa coluna de alvenaria. Nas suas proximidades, no alçado noroeste, situava-se a porta lateral do templo, que funcionava desde época medieva, também ela remodelada no decurso das obras realizadas no edifício entre 1532 e 1535 (de estilo manuelino, foi removida em meados do século XX). No prolongamento desta campanha de obras, seriam colocados sobre os altares quatro novos retábulos, realizados entre os anos de 1554 a 1565: *Pentecostes*, *Calvário* e *Santiago combatendo os Mouros*; *Anunciação* e *Santo António em Pregação*, tendo-se conservados os dois primeiros, expostos actualmente no Museu de Mértola, Arte Sacra – Porta da Ribeira.

As sucessivas obras que se realizaram no edifício entre as décadas de 30 e 60 do século XVI modificaram, decisivamente, a sua fisionomia e traça arquitectónicas. Com elas diluiu-se parte da herança almóada que ainda estava presente e a linguagem cristã tornou-se dominante. No entanto, manteve-se incólume um dos símbolos mais fortes da antiga mesquita, o seu minarete, ao qual se havia acrescentado, «cristianizando-o», um pequeno campanário. É provável, no entanto, que em finais do século XVI ou inícios da centúria seguinte tenha sido apeado, época de que parecem datar os pináculos cónicos e o coroamento de gosto mudéjar que percorre a cimalha do templo, conjunto que acentuou o seu hibridismo estilístico. Desmantelado ou não nessa altura, o desaparecimento do secular minarete é indissociável da construção de uma nova torre sineira que se veio a erguer adossada à parede sueste do templo, prolongando a sua fachada. O perfil da que hoje se observa é, no entanto, de época mais recente, devendo datar do primeiro ou segundo quartel do século XVIII.

Noutras campanhas de obras, lançadas em anos que se ignoram, mas certamente no decurso na centúria de Seiscentos, procedeu-se a construção de uma pequena cabeceira adossada à parede nordeste, construída para acomodar o altar-mor, e à ampliação da sacristia, que passou a dispor de duas divisões que ocupavam todo o espaço disponível do tabuleiro lateral até à torre do campanário. Igualmente no século XVII, com provável prolongamento até inícios da centúria seguinte, procedeu-se a diversos entaipamentos (nomeadamente do espaço do *mihrāb*/altar-mor quinhentista e de portas); à abertura de amplas fenestranças (uma delas aproveitando o vão da antiga porta lateral, cujos degraus se removeram); ao apeamento de algumas estruturas, como o coro-alto de alvenaria e tijolo (foi transferido para o alçado sudoeste, sobre a porta principal, edificado em madeira) e ao arranjo de três dos altares.



Exterior do *mihrāb* (foto AC).

Com uma ou outra modificação ou acrescento, era a igreja «seiscentista» que se oferecia aos olhos dos responsáveis da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais quando estes, em finais da década de 40 do século XX, empreenderam um vasto programa de obras de recuperação do edifício. Os trabalhos desenvolvidos guiaram-se essencialmente por dois parâmetros: consolidar e restaurar a igreja, por um lado, e restituí-la ao seu «estado mais original quanto possível» (DGEMN, 1953), por outro. Na primeira vertente, efectuaram a consolidação do templo, colocaram um novo telhado e substituíram o pavimento degradado de madeira por um de pedra e tijoleira, ao nível do primitivo. No que diz respeito à segunda, foram demolidos todos os anexos que progressivamente haviam sido adossados às paredes portantes do edifício, como a capela-mor e a ampla sacristia (construiu-se uma outra, de pequenas dimensões, no alçado nordeste, no local onde estivera a capela-mor seiscentista), derrubou-se a escadaria interior que conduzia à torre sineira e entaiparam-se os janelões seiscentistas/setecentistas que rasgavam algumas das paredes. Por outro lado, procuraram atentamente vestígios materiais da antiga mesquita, fazendo um cuidadoso trabalho de desentapamento do *miḥrāb* e de quatro portas de arco ultrapassado com alfiz. Também se atardaram na recuperação das estruturas do século XVI, procedendo à limpeza das colunas que se encontravam cobertas com uma espessa tinta de óleo, assim como no restauro da delicada moldura quinhentista da zona do *miḥrāb*, local para onde transferiram o altar-mor que retomou a sua posição na parede sueste, após uma interrupção de quatro séculos. Porém, num acto de purismo extremo, foi muito o que se sacrificou das marcas patrimoniais do século XVII em diante, tendo-se, nomeadamente, desmantelado os altares e o coro-alto.

O CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA

Desde as obras da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais (DGEMN) em meados do século XX, a Igreja Matriz de Mértola não tinha sido beneficiada por obras significativas de conservação, tornando-se imperiosa, a inícios do século XXI, uma intervenção global, iniciada em 2003 com a recuperação do telhado do edifício e a consolidação e restauro da decoração em estuque do interior do *miḥrāb*, mas interrompida antes de se concluir a maior parte do programa de obras proposto. No âmbito destes trabalhos, o Campo Arqueológico de Mértola efectuou uma intervenção arqueológica no interior do *miḥrāb* e outra no adro junto do muro da *qibla*.

A escavação no interior do *miḥrāb* detectou várias camadas de entulho depositadas durante a Baixa Idade Media, após a conquista cristã, o pavimento original do *miḥrāb* almóada, e os alicerces de estruturas anteriores ao *miḥrāb* almóada, mal definidos devido à exiguidade da área escavada, mas que, também foram detectados no exterior e que podem ser atribuídos, provisoriamente, a um templo de época pré-islâmica.

No exterior da Igreja, a escavação do adro forneceu uma estratigrafia muito mais complexa. As estruturas mais recentes estão relacionadas com uma sacristia construída, seguramente, no século XVII e destruída em meados do século XX aquando as obras de recuperação do edifício pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Tratava-se de uma semi-cave dividida aproximadamente a meio por um muro no qual se abriam, originariamente, dois vãos, um deles entaipado por um corredor construído no século XVIII e o outro, ainda aberto, rematado por um arco abatido. No extremo sudoeste, as estruturas da sacristia apoiavam-se num ossário, por sua vez encostado ao muro da *qibla*, entre o *miḥrāb* e o contraforte sul da Igreja.

Adossados ao extremo noroeste da *qibla* e contíguos à antiga porta almóada em arco de ferradura surgiram os monumentais alicerces de uma sacristia anterior. A construção desta sacristia



Embasamento do *miḥrāb* (foto SGM).



Muros do edifício da Antiguidade Tardia anterior à Mesquita (foto SGM).

foi ordenada pelos visitantes da Ordem de Santiago em 1482 (Barros, Boiça e Gabriel, 1996: 43), e já estaria construída em 1509, data dos desenhos de Duarte de Armas, no qual a sacristia aparece representada. Terá sido destruída em consequência das obras de meados do século XVI que mudaram todo o sistema de cobertura do monumento, para assentar sobre os seus alicerces um poderoso arcobotante.

Debaixo do pavimento e das estruturas das duas sacristias e do ossário, a nascente do muro da *qibla* e do *miḥrāb*, conservava-se a estratigrafia medieval. Encontramos um muro que delimitava o estreito adro da igreja junto à porta nordeste, e pequenos muros de pedra e barro que consolidavam o declive do terreno formando estreitos patamares. Em todo este espaço, foram encontradas



Fachada da Igreja matriz de Mértola (foto SGM).

sepulturas de inumação da Baixa Idade Média, algumas das quais encostadas à *qibla* e ao *miḥrāb*. Esta pequena necrópole apresenta uma densa ocupação do espaço e uma organização estruturada em eixos paralelos destinada a aproveitar ao máximo o espaço disponível.

Algumas destas sepulturas encostavam-se às fundações do *miḥrāb* que assentam numa estrutura de notável monumentalidade que corresponderia a um momento anterior à própria mesquita, no período omíada: grandes silhares de granito formam uma planta quadrada, bem diferente da pentagonal do *miḥrāb* visível em altura, com uma elevação aproximada em relação à base de aproximadamente 2 m.

Vários indícios assinalavam a existência de edifícios religiosos anteriores à mesquita almóada neste espaço. Esta hipótese foi confirmada pela escavação com a localização, debaixo das estruturas e dos enterramentos medievais, de um conjunto de grandes muros construídos por silhares de grande módulo nas esquinas e cantos, e blocos de xisto bem aparelhados. Estas construções possuem uma cronologia anterior à construção da mesquita, visto servirem de assentamento à *qibla*. Embora seja necessário aprofundar o seu estudo, podemos afirmar que se tratava de uma construção de cariz religioso da Antiguidade Tardia, provavelmente do século VI d.C. A sua planta define-se com dificuldade sob as estruturas da mesquita e da sacristia, embora seja claramente visível como, de um grande muro paralelo à *qibla*, sobressai um elemento rectangular que podemos interpretar como uma ábside.

Tanto os elementos visíveis da actual Igreja Matriz de Mértola, como os resultados das escavações, revelam uma continuidade das funções sagradas naquele local. A associação do espaço de poder, materializado na Alcáçova, e do espaço religioso é uma constante, que podemos remontar à Antiguidade e se conservou até à época contemporânea. As adaptações do sítio mantiveram, ao longo do tempo, a posição proeminente do templo relativamente aos espaços circundantes, especialmente em direcção ao rio, promovendo uma certa cenografia do poder religioso.

A importância dos achados e a sua monumentalidade, especialmente a sacristia seiscentista e as estruturas da Antiguidade Tardia, levou-nos a propor a musealização dos vestígios arqueológicos descobertos criando um espaço visitável com acesso a partir do lado posterior da Igreja e dando lugar a um novo núcleo do Museu de Mértola.



Núcleo Museológico de Alcaria dos Javazes (foto JB).

Alcaria dos Javazes

SANTIAGO MACIAS

UM MUSEU EM ALCARIA DOS JAVAZES

Os antigos acreditavam que tudo o que existia se construía a partir de quatro elementos: a água, o fogo, o ar e a terra. Olhando em volta da aldeia e para dentro desta área de exposição, temos esses elementos bem presentes. O ar que nos rodeia, a terra de que se fizeram as casas, a água e o fogo que nos alimentam. Foi, pois, a partir de quatro elementos que se fez o que nos rodeia. Foi também a partir deles que se começou a dar forma ao museu.

O museu da Alcaria dos Javazes (freguesia de Espírito Santo) é uma coleção de pequenas histórias, é uma soma de objetos que fizeram o quotidiano de muitas pessoas. Numa casa da aldeia, onde dantes morou gente, há agora peças, de diversas proveniências e que são fragmentos de vidas que desconhecemos. São memórias de tempos idos, marcados pela simplicidade e construídas num tempo em que as horas não eram tão contadas como hoje. A coleção, construída ao longo de décadas por Orlando José, foi colocada à disposição da Câmara Municipal de Mértola. Foi o início de um longo processo de construção de um núcleo museológico, original em todas as suas componentes.

À habitação antiga junta-se um novo espaço de exposição. Do xisto ao betão, das formas da arquitetura vernacular às linhas modernas há um percurso de séculos. A pequena casa, com pátio, poço e forno, ganha agora uma outra existência.

ALDEIA E TERRITÓRIO

O território de uma aldeia era o seu horizonte mais próximo. Nascia-se e vivia-se num raio de poucos quilómetros. Antes da abertura das estradas e da chegada dos veículos motorizados, os dias, as semanas, os meses e os anos passavam ao ritmo dos



Núcleo Museológico de Alcaria dos Javazes (foto JB).

trabalhos no campo, ao som e ao passo dos rebanhos e à repetição das tarefas de sempre.

Alcaria dos Javazes está perto do Vascão, porque nestes territórios de aridez não há povoados que estejam longe dos cursos de água. Da paisagem de todos eles fazem parte algumas terras de cultivo, as oliveiras, as ovelhas. Em todas elas se vivia do que a terra e os rios davam.

Alcaria dos Javazes é referida, de forma breve, num texto do século XII, onde se se lhe chama al-Jauza. Este monte, ou talvez o Zambujal, foi, por volta de 1144, local de refúgio do chefe militar Ibn Qasi, em luta com os poderosos de então. Se excetuarmos este pequeno episódio, o pequeno sítio de Alcaria está ausente dos livros de História. A História dos grandes e dos poderosos passou, quase sempre, à margem deste sítio.

CASAS DA SERRA

Com terra, pedra e argamassas pobres se fazem as casas do extremo sul do Alentejo. Olhando em volta, em Alcaria dos Javazes, é esse o panorama das casas mais antigas.

Em muitas centenas de anos, quase nada mudou. Nem a forma de levantar os muros, nem o modo de bater a taipa, nem a maneira

de construir os telhados. A cal marca presença constante nestas casas. Era uma forma de garantir durabilidade às taipas e de garantir a frescura do interior das habitações. As plantas das casas não tinham esquemas rígidos, nem definitivos, moldando-se ao ritmo de crescimento das famílias. As palavras que designam os espaços das casas não sofrem grandes variações: casa de fora, quarto, ramada. Muitas das casas tinham uma pilheira, noutras marcava presença um pequeno forno. Em muitos sítios este pertença de todos, tal como o poço. A ausência do pátio interior, como era prática nas casas urbanas anteriores ao século XIII, era aqui compensada pelo espaço exterior em frente à habitação.

ILUMINAR

Era às mulheres que cabia iluminar e aquecer as casas. As mulheres eram as guardiãs do lar, aquelas a quem estavam confiadas as tarefas de manter a luz, o calor e de garantir a alimentação. É uma tradição antiga em todo o Mediterrâneo e que se manteve até aos nossos dias. E que ganha mais sentido em sítios como Alcaria dos Javazes, onde a energia elétrica só fez a sua aparição há poucas décadas.

Os combustíveis foram mudando ao longo dos tempos. Dos candis de azeite, onde um pavio ardia lentamente, passou-se, em tempos mais próximos, para lanternas, para as candeias e para os candeeiros a petróleo. As casas passaram da semi-obscuridade para uma luz interior cada vez mais intensa. As peças expostas testemunham essas modificações e vão buscar ao passado islâmico o contraponto com hábitos mais recentes. As formas evoluíram ao longo dos tempos e de balde tentaremos identificar nos objetos em uso até há 40 ou 50 anos memórias dos artefactos de iluminação de outrora.



Objetos de iluminação de diversas cronologias do Núcleo Museológico de Alcaria dos Javazes (fotos JB).



Panelas (fotos JB).

COZINHAR

A cozinha camponesa das regiões serranas que separam o Alentejo do Algarve é um milagre, feito de escassez e de criatividade. O pão e o azeite, consumidos outrora com mais modéstia, eram elementos essenciais numa cozinha que recorria, com frequência, à natureza à volta das aldeias. O aviso «proibido colher frutos silvestres», que hoje se banalizou, não fazia sentido para os habitantes deste território. Beldroegas e poejos, cogumelos e túberas, a hortelã da ribeira, os oregãos, os coentros, os peixes do rio são parte integrante de uma cozinha que usa a imaginação como um dos primeiros ingredientes.

O ato de cozinhar era feito com a maior economia possível, cuidando de não desperdiçar o que mais tarde poderia fazer falta e tratando de conservar os utensílios até a sua renovação ser inadiável.

A tradição culinária feita de cozinhados preparados com tempo e lentamente apurados ao lume reflete-se na semelhança entre os objetos antigos e os atuais. Por isso as caçoilas e as panelas atuais têm um ar antigo e as antigas parecem ser de hoje.



Tacho com tampa (foto JB).

COMER

As refeições são hoje uma complexidade de hábitos e de objetos que pouco têm a ver com tradições mais antigas, ainda em uso noutras regiões do Mediterrâneo, mas esquecidas entre nós.

A mesa, enquanto móvel de uso corrente, é relativamente recente, e as pessoas sentavam-se em volta de esteiras colocadas no chão. Os grandes pratos de uso comum, à volta dos quais toda a família se dispunha, deram lugar a utensílios individuais. Não se trata, contudo, apenas de uma questão de organização em torno da refeição. O modo como esta se organizava também mudou. Por exemplo, nas casas mais abastadas as iguarias eram disponibilizadas em simultâneo e não de forma sucessiva. Essa prática, que se começou a tornar corrente a partir do século XIX, popularizou-se e faz hoje parte dos nossos hábitos.

A popularização de utensílios como o garfo mas, sobretudo, a crescente individualização dos hábitos à mesa (pratos, copos e talheres para cada conviva) marcam a diferença entre épocas mais recuadas e a atualidade. É também essa realidade que o Museu de Alcária dos Javazes reflete.



Tigelas (fotos JB).

